(transcrição)

Mumbai, 14 de janeiro de 2003

(Somaiya College)

Em 2001, durante uma viagem à Índia, Chiara Lubich entra em contato com dirigentes de uma grande universidade privada, o Somaiya College, fundado em 1959, com o objetivo de reavivar nos jovens os valores da cultura e da tradição hindu. Os dirigentes da instituição reconheceram em Chiara uma figura de alta estatura moral e espiritual e quiseram apresentar Chiara e o seu pensamento a todo o campus. Convidaram-na também em 2003. O texto que segue é o discurso que Chiara fez nessa ocasião diante dos chefes dos departamentos dos 31 Institutos universitários do Somaiya College e a um público de 400 pessoas.

O anúncio de Deus amor

Dr. Somaiya,
Dr. Kala Acharya,
Senhora Madam Lilabengi Kotak,
Senhor Kavadia,
Senhor Ranganathan,

em primeiro lugar, exprimo a minha alegria de estar aqui, por ocasião do nascimento do benemérito Senhor Somaiya, que com a sua vibrante personalidade e visão dO futuro fez com que a grande "família Somaiya" fosse um orgulho para a Nação.

Soube que foi pelos ensinamentos e pelos exemplos de vida do grande Swami Vivekananda e do Mahatma Gandhi que o Senhor Somaiya desde jovem se doou para o bem da humanidade. Assim, com honestidade e um incansável trabalho, ele pôde realizar os seus ideais.

E agora o seu filho, o doutor Shantilal Somaiya, com as suas capacidades, pôde, ainda melhor, transformar em realidade os sonhos de seu pai.

Já que o doutor Somaiya completou 75 anos, aproveito com alegria esta ocasião para lhe desejar uma longa vida em boa saúde e plena atividade.

O tema que dessa vez (é a segunda vez que o faço) cabe a mim expor tem como título: a Descoberta de Deus Amor.

Para poder tratar desse assunto – já que se trata da *minha* descoberta de Deus como Amor –, devo lhes contar algo sobre mim.

Espero que vocês gostem.

Como sabem, quando Deus, nos seus pensamentos divinos, vê que é necessário corrigir algo na terra ou manifestar a sua vontade, escolhe uma pessoa e lhe confia uma tarefa em benefício da humanidade. Em geral, pega uma pessoa fraca, pequena, para que se veja melhor de onde provém esse apelo.

Neste caso Deus escolheu a mim.

O dom de luz (chamado "carisma") que manda não é útil apenas para a pessoa escolhida, mas para todos.

Conto algo da minha experiência.

Deus forma esses seus instrumentos desde muito cedo, por isso conto-lhes um episódio sobre a minha infância e juventude.

Acho que eu tinha cerca de 6, 7 anos, quando algumas religiosas muito boazinhas me conduziram, junto com outras amigas, a uma igreja, para adorar Jesus, que nós, cristãos, acreditamos estar realmente

presente na Santíssima Eucaristia sob a forma do pão. Para a adoração dos fiéis, ele é exposto num vaso sagrado, transparente, que se chama ostensório.

Ajoelhada diante dele, sentia-me constantemente impelida interiormente a olhar para ele com atenção e fixá-lo por muito tempo, dizendo-lhe e repetindo: “Dá-me a tua luz; dá-me o teu calor”, como se Luz e Amor de Deus pudessem entrar, através dos meus olhos no meu coração.

Recordo que fixava com tamanha intensidade que a Óstia, que era branca, ficou preta e o resto ao redor virou branco.

Desde pequena alguém incutiu no meu coração a ideia de que Deus é Luz, é Amor.

Quando eu tinha 18 anos, terminei o ensino médio. Queria continuar e entrar numa universidade, sobretudo porque predominava em mim um desejo: conhecer Deus. Por isso projetei me inscrever numa universidade cristã, mas as precárias condições econômicas da minha família não me permitiram.

Lembro que chorei desconsolada com minha mãe.

Mas a certa altura, no fundo do coração percebi uma frase: “Eu serei o teu Mestre”, que me tranquilizou completamente.

Mais tarde, quando o Espírito de Deus começou a me iluminar com o seu específico carisma, compreendi essa frase.

Foi Deus mesmo que me explicou quem Ele é.

Todavia narro outro episódio.

Aos 19 anos estive em Loreto, na Itália Central, a minha pátria, para seguir um curso de estudantes. Naquela cidade existe uma grande igreja, parecida com uma fortaleza. Ela contém a casa que hospedou a família de Jesus, transportada para lá da Palestina.

Naquele lugar sagrado fiquei profundamente comovida de novo. Era como se algo divino me esmagasse. Imaginava as três pessoas dessa extraordinária família, unida pelo maior amor e mais ardente: naquele pequeno lugar vivia Maria, a Mãe de Jesus; José, o pai (assim considerado) de Jesus e entre eles havia Jesus mesmo, criança.

Sentia docemente o convite para começar um novo estilo de vida, inspirado na extraordinária convivência dos três.

E não era esse o pródromo da vocação para trabalhar a fim de que a humanidade seja uma família, quase um prelúdio da fraternidade universal que vê todos os homens como uma família?

Quatro anos depois, enquanto fazia um ato de amor para minha mãe (num dia muito frio de inverso, fui comprar leite no lugar das minhas irmãs), aconteceu um fato particular: pareceu-me que o Céu se abrisse e que Deus me pedisse: “Doe-se toda a mim”.

Era o chamado explícito de Deus, ao qual respondi logo com todo o amor do meu jovem coração.

Falei sobre isso com o meu confessor que permitiu que eu me doasse a Deus para sempre.

Não conseguirei descrever o que se passou no meu coração naquele dia: desposei Deus! Poderia esperar dele o que havia de mais maravilhoso!

Enquanto isso, tinha conhecido algumas jovens a quem não escondia as minhas primeiras ideias sobre o que estava nascendo e também elas fizeram a minha mesma escolha.

Mas o Amor, o meu amor foi colocado à prova.

Começou a Segunda Guerra Mundial que destruía tudo e quase todas as pessoas fugiam da cidade.

Num dia de maio um bombardeio sobre Trento tornou inabitável a minha casa. Por isso, com a família, tive que me proteger num bosque na periferia da cidade.

Daquela noite, passada ao relento, lembro de dois particulares: estrelas e lágrimas. Estrelas, porque vi todas elas – ao longo da noite – passar por cima da minha cabeça; lágrimas, porque compreendia que não podia me afastar da cidade com os meus, em busca de refúgio. Já compreendia que algo estava nascendo: não podia abandonar as minhas companheiras.

A certa altura, tive a impressão de que Deus, para que eu compreendesse a sua vontade, me fizesse lembrar de palavras que estudei na escola, como essas: “O amor vence tudo”[1].

O amor por Deus devia vencer também a separação dos meus?

De manhã tomei essa decisão, com a bênção de meu pai. Enquanto a família caminhava para a montanha, eu caminhava de volta para a cidade destruída. Procurei as minhas companheiras entre as casas e as ruas reduzidas a ruínas. Graças a Deus estavam todas vivas.

Ficamos hospedadas num pequeno apartamento.

Com a guerra e as suas consequências desapareciam as coisas ou pessoas que quase formavam o Ideal da nossa vida, que éramos jovens.

A lição que Deus nos oferecia com aquelas circunstâncias era clara: no mundo tudo passa; tudo é vaidade das vaidades.

Ao mesmo tempo, nascia em meu coração uma pergunta: existirá um ideal que nenhuma bomba pode destruir, ao qual dedicar toda a nossa vida?

Sim, foi a resposta, existe. É Deus, Deus que é Amor.

Assim diz este escrito hindu: “'Deus é por sua natureza amor; (…) Ele reside no amor, a sua suprema realidade (...)'. Os ignorantes pensam que o amor e Deus sejam duas coisas diferentes; eles não sabem que o amor é Deus”[2].

E Deus Amor se tornou o objetivo da nossa existência.

Deus: e que ideal maior?

Mas um fato sucessivo reforçou esta espécie de revelação.

Um dia, um sacerdote de passagem bateu à porta da turma onde eu ensinava e me pediu para sair um momento, pois queria me falar. Pediu-me para oferecer uma hora do meu dia pelas suas intenções. Eu sempre pensei no sacerdote como um homem de Deus, respondi: “Até mesmo o dia inteiro!”

Ele, impressionado por esta generosidade juvenil, me disse para ajoelhar, abençoou-me e me disse: "Lembre-se de que Deus a ama imensamente!"

Essas palavras foram como a fulguração! Como lançar fogo no fogo. Era como se o próprio Deus as tivesse dito a mim.

Estava convencida: “Deus me ama imensamente? Sim! Deus me ama imensamente!

Eu o repetia não só a mim mesma, mas às minhas companheiras: "Deus nos ama imensamente. Deus te ama imensamente; Deus os ama imensamente!"

Daquele momento em diante descobrimos o amor de Deus presente em toda a parte: nos acontecimentos alegres e confortantes, como também nas situações tristes, problemáticas, difíceis e nas que eram indiferentes.

Estávamos convencidas de que o seu amor envolvia as pessoas, o mundo, o universo.

Tendo descoberto Deus como ideal, nos perguntamos, porém, como colocá-lo em prática. Isso ficou logo claro: devíamos responder ao seu amor, amando-o também nós.

Mas com que amor?

No cristianismo se pensa que, para poder amar, o Espírito Santo difunde nos corações dos fiéis um amor, chamado “caridade”, que é uma participação do mesmo amor de Deus.

Com a “caridade” se ama Deus e o próximo.

Mas, como a caridade leva a amar Deus e o próximo?

Se a caridade é única no nosso coração, a sua aplicação é muito diferente em relação a Deus e em relação ao próximo.

---

1 Virgilio, Ecloghe, X, 69.

2 Tirumular (místico do X século d.C.), in M. Dhavamony, *La Luce di Dio nell'Induismo*, Ed. Paoline, Milano 1987, p. 97.

Eu posso dizer a Deus o que não posso dizer ao próximo. Por exemplo: “Te adoro”. Posso esperar tudo dele; posso abandonar-me a Ele, posso acreditar cegamente nele. Posso lhe agradecer por me ter criado. Posso lhe pedir o perdão dos pecados e obtê-lo; posso esperar dele o paraíso e assim por diante.

Deus não precisa de pão, de instrução... para se sentir amado. Ele quer o nosso coração, a nossa mente, as nossas forças, todo o nosso ser.

Com Deus se estabelece na nossa vida espiritual um relacionamento de caridade, digamos, pura, que muitas vezes atinge, nos santos, uma profunda união com Deus, na vida mística.

A caridade para com o próximo, ao invés, precisa – e esta é uma sua característica – se manifestar de modo concreto, como, por exemplo, dar de comer aos famintos; dar de beber aos sedentos; vestir os nus; hospedar os peregrinos; visitar os doentes; visitar os presos, sepultar os mortos. Ou também ensinar os ignorantes; aconselhar os duvidosos; consolar os aflitos; perdoar as ofensas; suportar pacientemente as pessoas molestas.

No que se refere a esta caridade para com o próximo, é importantíssimo ver o que exige, quais são as suas exigências.

A primeira é, sem dúvida, a universalidade: a caridade quer e impele a amar a todos. Não fica escolhendo o próximo simpático ou antipático, bonito ou feio, conterrâneo ou estrangeiro, da sua religião ou de uma religião diferente, se é amigo ou inimigo, se pertence ao seu Movimento ou a outro... A caridade deve ser dirigida a todos.

Porque assim Deus Pai ama: manda o sol e a chuva sobre os bons e sobre os maus, sobre os justos e sobre os injustos (cf Mt 5, 45).

Este amor dirigido a todos é, entre outras coisas, muito fecundo. Muitos experimentaram que bastaria que vivêssemos só este aspecto da caridade para provocar ao nosso redor uma tal mudança na sociedade em que vivemos, porque “o amor – como diz Gandhi – é a força mais poderosa que o mundo possui e todavia é a mais humilde que se possa imaginar”[3].

Uma segunda exigência do amor cristão é de tomar a iniciativa, que sejamos os primeiros a amar.

Isso também manifesta a sua originalidade. Normalmente, alguém ama porque é amado. Quem pensa em ser o primeiro a amar todos os outros?

Ao invés, é o que pede a caridade. Exige que se ame como Deus ama. Este é um exemplo no cristianismo: quando nós, homens e mulheres, ainda éramos pecadores e indignos de amor, o Pai mandou o seu Filho Jesus para doar a vida por nós. Foi o primeiro a amar a todos.

Depois ainda, a caridade – e este é o terceiro aspecto – não deve ser só um sentimento ou palavras. Exige que se chegue aos fatos. Isso será possível, se nos fizermos, como São Paulo diz, "tudo a todos" (cf 1 Cor 9, 22). De certo modo, alegres com quem está alegre; preocupados, ansiosos, famintos, pobres com os pobres. E sentindo em nós o que os outros provam, agir de consequência.

A quarta exigência da caridade, enfim, é – segundo o cristianismo - ver em todos os próximos Jesus. É o que Jesus quer, pois ele considera feito a si o bem ou o mal que fazemos aos irmãos. No Juízo Final ele repetirá aos bons e aos maus: «a mim o fizeste», «a mim o fizeste», «a mim o fizeste» (Mt 25, 40), o bem e o mal.

Mas um escrito hindu encontrou um modo semelhante de conceber o amor: “Não é por amor do marido que o marido é querido; é por causa do Atman (isto é, do divino em nós, o nosso verdadeiro eu) que o marido é querido. Não é certamente por amor da esposa que a esposa é querida; é por causa do Atman que a esposa é querida. Não é certamente por amor dos filhos que os filhos são queridos; é por causa do Atman que os filhos são queridos. (…) É o Atman na verdade que se deve ver (…), é nele que se deve pensar”[4].

---

3 Mahatma Gandhi, *Antiche come le montagnei*, Milano 1963, p. 129

4 Brihadaranyaka Upanishad (texto sagrado), em M. Dhavamony, op. cit., p. 57.

A última exigência é esta: que o amor se torne recíproco.

E uma das qualidades do amor, sublinhada por São Paulo, para poder ter a caridade recíproca, é a suportação.

Se nós a praticamos, vimos que o suportar-se é um amor que se dobra para não romper, porque é melhor o menos perfeito em unidade com os outros, do que o mais perfeito em desunidade com os outros.

O amor recíproco tem como consequência uma certa comunhão dos bens materiais e espirituais. Os primeiros cristãos se sentiam só administradores dos seus bens.

E a caridade, com as suas exigências, é uma lei para todos. Também as crianças podem vivê-la. Os membros do Movimento fizeram dela a norma de sua vida. Cada um construiu um dado de papelão e em cada lado escreveu uma exigência da caridade. Toda manhã jogam o dado e vivem durante o dia a frase que saiu.

Mas é lei também para quem está mais adiantado não só na idade, mas no caminho de perfeição.

Com o amor descrito até aqui podemos trabalhar realmente pela fraternidade universal.

“Fraternidade universal? Uma utopia!”, alguém poderia dizer.

Não é assim.

Ela não é só uma ideia nossa. Dizia, por exemplo, o Mahtma Gandhi: “A minha missão não é simplesmente a fraternidade da humanidade indiana. (…) Mas, através da atuação da liberdade da Índia, espero atuar e desenvolver a missão da fraternidade dos homens”[5].

Mas quem indicou e trouxe a fraternidade como dom essencial para a humanidade foi Jesus, que rezou assim antes de morrer: “Pai, que todos sejam um”. Ele, revelando que Deus é Pai e que os homens, por isso, são todos irmãos, introduz a ideia da humanidade como família, a ideia da “família humana”. E com isso abate as paredes que separam os “iguais” dos “diferentes”, os amigos dos inimigos. E livra cada homem dos vínculos que o aprisionam, das mil e uma formas de subordinação e de escravidão, de cada relacionamento injusto, suscitando assim uma autêntica mudança existencial, cultural e política.

O mundo hoje tende para a unidade e para a fraternidade universal. A unidade é um sinal dos tempos: muitos fatores religiosos, como o fenômeno do ecumenismo entre as várias Igrejas cristãs ou fatores sociais e políticos, o demonstram. São um exemplo as nações europeias que estão se unindo, também outras na América do Sul e na África. Não só, mas o mundo tende para uma unidade universal, global. E isso apesar dos grandes perigos para a humanidade, como o terrorismo.

Os meios de comunicação aproximam pessoas e povos que estão materialmente muito distantes uns dos outros.

Além disso, a globalização econômica e financiária entrelaçou todos os nossos interesses.

Ainda: existem problemas que afetam a humanidade no seu conjunto. Basta pensar na questão ambiental e de modo especial na ecologia, no desenvolvimento e na alimentação, os problemas sobre o patrimônio genético dos vários grupos humanos.

Vivemos num mundo que se tornou mesmo uma aldeia: complexa e nova, mas uma aldeia. A humanidade vive hoje como se fosse um pequeno grupo. E se é assim, poderia viver, realmente na fraternidade.

Mas como fazê-la florescer?

Nós o sabemos: com o amor. E existe um porquê. Porque o amor permite o diálogo com todos, sobretudo hoje que, em várias partes do mundo, pelos fluxos migratórios, é uma obrigação estabelecê-lo com todos: muçulmanos, hebreus, budistas, hinduístas, cristãos, presentes em várias partes. Diálogo que permite viver em paz, como numa família.

Diálogo possível graças à “Regra de ouro”, comum a todas as principais religiões da terra. Ela diz: «Como quereis que os homens vos façam, fazei também a eles» (Lc 6,31)». Essa "regra de ouro", em

5 Mahatma Gandhi, *Antichi come le montagne*, cit. p. 162.

essência, é um convite a amar cada próximo. E, se nós amamos, porque somos cristãos, e os demais hindus, muçulmanos, judeus, budistas também amam, nasce entre nós o amor recíproco. Dali floresce a fraternidade.

Este diálogo já estabeleceu, para o Movimento dos Focolares, uma fraternidade plena e sincera não só entre fieis de numerosas igrejas cristãs, mas também com um Movimento budista moderno de Tóquio, que conta com seis milhões de membros. E com outro Movimento muçulmano afro-americano de dois milhões de pessoas, o qual, pelo intercâmbio de dons, que se verifica no diálogo, abriu-nos as portas de 40 mesquitas nos Estados Unidos, onde podemos anunciar as nossas experiências de vida, por eles muito apreciadas, enquanto nós abrimos-lhes as portas das nossas cidadezinhas internacionais.

Diálogo que fazemos também com os nossos irmãos que não professam uma fé religiosa, mas que têm inscrita no DNA de sua alma o impulso a amar. E talvez sejam a maioria.

Fazendo assim, também nós podemos colaborar na realização do grande ideal de um mundo unido que vê a humanidade como um único corpo, como *uma única realidade.*

João Paulo II, falando aos nossos jovens, disse: «Vocês querem sondar o caminho que é preciso percorrer para atingir um "mundo unido", conscientes de que esse "ideal" está escrevendo a "história". Realmente esta perspectiva parece emergir dos múltiplos sinais do nosso tempo: *a perspectiva de um mundo unido*. É a grande expectativa dos homens de hoje. (...) A todos é pedido para educar a própria consciência aos sentimentos de respeitosa convivência, de concórdia, de fraternidade, já que sem esses elementos não é possível percorrer um verdadeiro caminho de unidade e de paz»7.

O Papa disse isso antes do dia 11 de setembro de 2001. Agora o seu pensamento é certamente reforçado pelo gravíssimo perigo do terrorismo, que exige a unidade não só entre os homens e as mulheres do nosso planeta, mas entre os povos como tais e as forças que o governam.

Que Deus veja todos nós comprometidos na realização da fraternidade universal.

E para que seja assim, começamos a viver logo a arte de amar, amando todos, sendo os primeiros a amar, amando concretamente, por amor de Deus, e amando-nos reciprocamente.

Chiara Lubich